

## CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA: UMA ALEGORIA

Maria do Socorro ROSAS\*

No título do romance *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, deparamo-nos com um estranhamento, ao percebermos que *casa*, próprio da categoria de ser inanimado, recebe uma caracterização através do adjetivo *assassinada* que atribuiríamos a um ser animado, vivente, marcando-o, pois, à linguagem alegórica. A estranheza vai-se consolidando na criação do universo alegórico dessa obra, que formula a temática de modo enigmático. Contudo, o estranhamento do título transforma-se em tradução, quando podemos constatar que a casa é a consagração da morte, não da morte natural, mas da morte desferida coletivamente. A casa, estranha e obscura, não só é palco, mas é também atriz principal da tragédia que atinge todos os seus habitantes.

Tentamos “ler” a alegoria da grande culpa que pesa sobre todas as personagens. A tortura íntima os invade e os sobressalta como um pesadelo.

Os habitantes purgam os pecados próprios da condição humana e carregam não só todos os seus fantasmas, mas também fantasmas ancestrais que os vão corroendo e os assassinando como a cumprir um ritual mítico:

Dirão que isto talvez não passasse de impressão exagerada, mas a verdade é que há muito eu pressentia um mal qualquer devorando os alicerces da chácara. (Cardoso, 1959, p.142).

---

\* Aluna do Programa de Pós-Graduação.

## DEFININDO O MITO

Segundo Eliade,

O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordado e interpretado através de perspectivas múltiplas e complementares. (Eliade, 1963, p. 11).

O mito de Édipo é uma realidade cultural interpretada e re-interpretada por várias áreas do conhecimento humano, como a antropologia, a psicanálise, o teatro e também a literatura. Isso porque se faz presente de forma complexa em realidades diversas.

O estudo de *Crônica da casa assassinada* não poderia deixar de fora a abordagem desse componente mítico, que se faz presente na figura de André - um dos personagens principais - cujo relacionamento amoroso com sua mãe (Nina) resgata a figura de Édipo.

Daí dizermos que o romance *Crônica da casa assassinada* traz, no discurso, marcas míticas abrindo possibilidades de reflexão sobre a existência, o “estar no mundo” ou ainda as intrincadas relações humanas.

Em Édipo, o príncipe desventurado não sabe quem é sua verdadeira mãe e a consumação incestuosa se realiza:

na cama nupcial, como mulher apaixonada, está agora sua própria mãe. (Rocha, 1991, p. 56).

Enquanto na história de Édipo, o mesmo só tem conhecimento da verdade paulatinamente, no transcorrer da sua trágica vida, em *Crônica da casa assassinada*, Nina admite o parentesco e André crê nele, e ambos vivem esse amor com toda a força de seus seres. Têm consciência de que vivem em pecado, amam sentindo a amargura da culpa. No mito grego, Édipo tenta fugir do seu terrível destino, mas implacavelmente é castigado pelos deuses, prevalecendo a força divina. Na história de Nina e André, as personagens assumem a condição humana, são levadas pela paixão, mesmo sabendo que estariam condenadas à expiação dos pecados. Do mesmo modo, a tragédia abate-se sobre eles e sobre os demais membros da família Meneses, tal como aconteceu com Édipo.

O significado do mito de Édipo está vinculado aos mistérios que envolvem a narrativa de *Crônica da casa assassinada* do começo ao fim através do comportamento das personagens e da tragédia cardosiana.

O mito se faz presente nas sociedades como narrativa, como discurso, como fala. Diz Everardo Rocha que o mito

(...) faz parte daquele conjunto de fenômenos cujo sentido é difuso, pouco nítido, múltiplo, cego e para significar muitas coisas, representar várias idéias ser usado em diversos contextos (Rocha, 1991, p. 7).

Em *Crônica da casa assassinada* o mito de Édipo é recuperado para significar, representar valores sociais em contexto social com conotação especial: os valores burgueses dos Meneses que foram desequilibrados a partir do comportamento desafiador de Nina que culmina no incesto.

## ALEGORIA

A alegoria é geralmente vista como figura de linguagem, como parte da retórica.

Etimologicamente falando, significa “dizer o outro”; nela cada elemento quer dizer outra coisa que não o seu sentido original e alguma coisa além dele próprio, não aquilo que à primeira vista apareça.

Pretendemos examinar a alegoria não apenas como figura de linguagem, mas verificar se o próprio discurso cardosiano não se torna alegórico. Trata-se, pois, não só de examinar a alegoria enquanto construção, mas também de desconstruí-la: é o que tentamos fazer em *Crônica da casa assassinada*, ao procurar analisar as alegorias que fazem essa narrativa.

A abordagem aqui pretendida tenciona ser universalizante, na medida em que busca-se levar ao entendimento cada uma das alegorias, relacionando-a com o grau possível de significações dos elementos alegóricos presentes no discurso cardosiano. Em outras palavras, procuramos fazer uma leitura do texto

como um todo, em que cada alegoria será vista em relação a outra como um encadeamento.

Tentaremos decifrar a cadeia das alegorias com as quais a narrativa trabalha na construção do fazer literário já que

A alegoria leva, portanto, a uma alegorização da alegoria, a uma leitura alegórica dela, e a uma alegorização de todo o texto (ou melhor, a uma descoberta de sua natureza alegórica mediante a leitura crítica, mediante a 'leitura alegórica') (Kothe, 1986, p. 18).

e porque vemos também como Hansen que “alegoria é uma técnica de interpretação” (Hansen, 1986, p. 43).

No discurso de *Crônica da casa assassinada*, o romance adquire valor alegórico através da figurativização das personagens, do cenário da casa, palco do terror e do jardim, alento para as aflições dos Meneses.

No levantamento das alegorias iremos nos fixar no jardim, na casa e nos personagens Nina e André.

## **JARDIM**

O fato de as personagens procurarem o jardim, como um santuário, na busca da solução de seus conflitos pessoais, leva-nos a crer que o jardim representa o refrigerio para as inquietações, as dificuldades e os problemas existenciais dos habitantes da casa.

É à terra que os personagens da *Crônica da casa assassinada* retornam, ao buscar consolo, revigoração e reequilíbrio no jardim:

o homem provém da terra, é autóctone, tem o vegetal como modelo, nasce da terra e a ela pertence (Rocha, 1991, p. 91).

A fuga, portanto, para o jardim, é alegoria da busca do equilíbrio primitivo, quando os seres mais simples conviviam de maneira amistosa e fraterna com a sua “mãe-terra”.

O texto cardosiano é inteiramente permeado de imagens sobre o jardim, como podemos averiguar nos seguintes trechos:

... também ele procurando a solidão do jardim, deixei-o passar...  
(Cardoso, 1959, p. 15 ).

E Demétrio, sempre desinteressado dos problemas alheios, dobrando o jornal e olhando o jardim com um suspiro: ...  
(Cardoso, 1959, p. 21).

Num jardim. Havia uma árvore, grande, a cuja sombra eu me sentava. (Cardoso, 1959, p. 186)

O jardim está sempre a testemunhar as emoções pelas quais passam os Meneses. No exemplo da página 15, ele é companhia para os solitários. Na página 21, representa alívio espiritual para os problemáticos e, no exemplo da página 186, o jardim com suas árvores sombreadas, é guarita para os cansados e inquietos habitantes da chácara.

Enfim, o jardim é alegoria do santuário, o oráculo onde as aflitas personagens procuram respostas para os seus anseios e conflitos.

## CASA

Enquanto o jardim funciona como um éden para os espíritos desassossegados, a casa representa o local de desequilíbrio da família Meneses.

A casa é alegoria da sustentação da tradição familiar:

Apesar de tudo, resta louvar o espírito da família Meneses, esse velho espírito que é o nosso único ânimo e sustentáculo: este ainda é o mesmo, integral como um alicerce de ferro erguido

entre a alvenaria que cede. Você encontrará imutáveis em nossos postos, e a chácara instalada a esse respeito na sua latitude habitual (Cardoso, 1959, p. 59).

É o símbolo da manutenção dos valores e palco, onde os sonhos, desejos e medos de todos os seus esquisitos moradores são encenados. O seu papel é de refletir os desassossegos e inquietudes dos que lá vivem.

A casa é, ainda, imagem da decadência e seus habitantes semi-mortos carregam sofrimento, desespero, solidão, frustrações e, acima de tudo, a inércia da vida. Nela, algo se esconde:

Porque não tinha a menor dúvida, e isto desde o primeiro instante, havia ali um mistério, e essas coisas graves, laceradas, dessas que ocorrem subterraneamente no seio das famílias, tumultuavam sob a aparência daquele simples acontecimento (Cardoso, 1959, p. 59).

O alegorismo persiste, quando ela é o cenário de terror, onde os vivos são depredados em seu sistema de valores. E o texto cardosiano marca bem essa atmosfera prenunciadora de males:

Dirão que isto talvez não passasse de impressão exagerada, mas a verdade é que há muito eu pressentia um mal qualquer devorando os alicerces da chácara (Cardoso, 1959, p. 143-144).

Os que habitam a sua interioridade sofrem exaustivamente, em todo o decorrer da narrativa, uma angústia interminável, comentada por José Lins do Rêgo:

O que realmente existe é uma angústia que se propaga nos personagens como as suas marcas indelévels (Cardoso, 1959, contra capa)

## NINA

A narrativa gira em torno da figura de Nina, que é o pivô das ações das outras personagens com os quais se relaciona. Ela é o símbolo da mulher liberta e, por causa disso, é vista como pervertida. É com ela que se constrói e se estrutura o enredo, seu papel é dos mais importantes e é através dela que ocorre a possibilidade de incesto, pois, fazendo André acreditar que é seu filho, mantém com ele relações amorosas.

Por amar demais a vida, Nina é injuriada, injustiçada pela tradição dos Meneses:

A injustiça de que fui vítima, clama vingança no fundo do meu sangue... (Cardoso, 1959, p. 67).

Para essa família, a liberdade de Nina representa uma afronta, uma vez que contrasta com a vida mesquinha, egoísta e, acima de tudo, inerte que os Meneses levam.

Por ser uma mulher livre diante do amor, da vida, dos valores burgueses, é a alegoria da mulher devassa na concepção dos Meneses.

## ANDRÉ

André é a personagem que recupera a figura mítica de Édipo em razão do seu relacionamento amoroso com Nina. Aparece em toda a narrativa como pecador, assume essa culpa e sofre com ela todos os conflitos que o seguem no decorrer das ações:

Que me importava que o mundo inteiro ardesse, e que o escândalo tísasse a face daqueles que me cercavam? Quando estivéssemos a sós, eu e ela, diria: Lembra-se do que você me disse? Que eu assumisse, que tivesse coragem para ser responsável pelo meu pecado? (Cardoso, 1959, p. 377)

Em André está a alegoria do amor proibido. Assim, o Édipo é figurativizado em André, que desafia os deuses e os valores morais, quando assume sua relação com Nina mesmo pensando ser ela sua mãe e consciente do que poderá sofrer.

Assim, em *Crônica da casa assassinada* vemos, as personagens como uma réplica do mito de Édipo, o espaço do jardim como cenário primitivo e a casa como alegoria do enclausuramento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, L. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1963. (Debates)
- HANSEN, J. A. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986.
- KOTHE, F. R. *A alegoria*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios)
- ROCHA, E. *O que é mito*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos)